

Mulheres na literatura:

uma história de preconceitos a serem superados

Stela Miller

Como citar: MILLER, Stela. Mulheres na literatura: uma história de preconceitos a serem superados. *In:* BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Mulheres, gênero e sexualidades na sociedade:** diversos olhares sobre a cultura da desigualdade - volume 2. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.97-119.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-86-6.p97-119>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

MULHERES NA LITERATURA — UMA HISTÓRIA DE PRECONCEITOS A SEREM SUPERADOS

Stela Miller

MULHERES ESCRITORAS EM CONTEXTOS DESFAVORÁVEIS

Em todas as instâncias da organização social - política, profissional, confessional, científica, artística, familiar, etc. - há ainda enormes desigualdades entre homens e mulheres no tocante ao lugar ocupado por estas na estrutura das diversas instituições sociais representativas dessas instâncias e, por extensão, no desempenho dos diferentes papéis sociais que exercem em tais instituições. No exercício de uma profissão, esse fato é notório; mesmo quando se consideram os mesmos cargos ocupados por ambos, a valoração atribuída ao trabalho do homem, em muitos casos, é maior que a atribuída ao trabalho da mulher. Nas relações familiares, ainda são muito graves os conflitos entre homens e mulheres, em grande parte deles resultando em ações praticadas em detrimento da mulher e até

mesmo de sua integridade física. Há, portanto, muitas condições de vida desfavoráveis a serem superadas pela mulher e, por isso, muita batalha a travar e muito espaço a conquistar, apesar dos avanços que historicamente já foram conseguidos.

No que diz respeito à participação da mulher na literatura, a situação não é diferente dos outros campos de atividade; também houve avanços, mas estes são ainda insuficientes. Embora a mulher venha ocupando novos espaços, está longe de se equiparar ao homem quanto aos ocupados por ele nessa área. Ou seja, “[...] a literatura ainda não é um espaço igualitário” (ROBINSON, 2015, p. 1). Na literatura brasileira contemporânea, por exemplo, em uma pesquisa feita com 258 romances, publicados de 1990 a 2004, constatou-se que os autores são brancos (93,9%), homens (72,7%), de classe média e moradores de regiões privilegiadas como Rio de Janeiro (47,3%) e São Paulo (21,2%) (ROBINSON, 2015). Ou seja, mulheres, negros e pessoas de classes sociais menos privilegiadas constituem a minoria no contexto da produção literária. Essa tendência, longe de ser restrita à realidade brasileira, se repete em nível mundial, muito embora já estejamos no século XXI, terceiro milênio da Era Cristã.

Além do fato de ser muito reduzido, o espaço hoje ocupado pelas mulheres no campo da literatura foi conquistado, ao longo da história humana, com muita dificuldade, com muita superação de obstáculos e empecilhos. Quando revisitamos o passado, vislumbramos um cenário em que, via de regra, a mulher ocupava um papel secundário em relação ao homem, os papéis sociais eram bem delimitados, cabendo à mulher restringir-se aos afazeres domésticos. Nesse contexto, não havia espaço para a mulher expressar-se com autonomia em qualquer campo da atividade humana, incluindo-se aí o campo da produção literária. Na literatura internacional do século XVIII e do início do século XIX, por exemplo, destacou-se, no Reino Unido, a romancista Jane Austen, que viveu de 1775 a 1817. Dentre as obras que ela escreveu, três são muito conhecidas e chegaram a se transformar em filmes recentemente: *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito* e *Emma*. Entretanto, a desvalorização da figura feminina no âmbito das artes era tão forte naquele momento histórico, que “Seus primeiros romances foram recusados pelos publicadores, e ela teve de esperar quinze ou vinte anos depois de começar a escrever antes de que qualquer romance fosse aceito” (THORNLEY, 1970, p. 115, tradução

nossa): dois de seus romances acima mencionados, *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito*, já haviam sido escritos e oferecidos por seu pai a um editor em 1797, mas foram recusados por ele, e somente em 1811 e 1813, respectivamente, essas obras foram publicadas com a exigência de que o nome de Austen não aparecesse, e a autoria fosse mencionada apenas como sendo de “Uma Senhora”. Só posteriormente, seu nome foi divulgado e reconhecido, e suas obras vieram a ser consideradas como clássicos da literatura inglesa (FRAZÃO, 2017a).

Por sua condição subalterna em relação aos homens, as mulheres escritoras da Europa nos séculos XVIII e XIX, precisavam, para ter suas obras publicadas, não revelar “sua identidade feminina, pois, como atividade e como carreira, uma mulher dedicar-se à literatura soava egoísta, não-feminino e até mesmo não-cristão.” Por essa razão, “muitas grandes escritoras permaneceram no anonimato; muitos grandes nomes foram perdidos, muitas obras renegadas para serem aceitas apenas posteriormente – ou postumamente.” (ROBINSON, 2015, p. 1).

A impossibilidade de revelar a própria identidade levou muitas escritoras daquela época ao uso de pseudônimos, “um artifício recorrente entre mulheres, que usavam nomes de homens para poder publicar”. E isso se prolongou por muito tempo, pois, mesmo “[...] em pleno século 20, vários países europeus tinham leis que impediam que mulheres ganhassem dinheiro sem a permissão do marido” (EHLING, 2013, p. 1). Naquele momento histórico, “havia um modelo que se impunha quanto ao papel social de mulher: o de esposa e mãe. Esse modelo permeia todos os romances, independentemente da filiação literária e das diferenças nas posições políticas assumidas ou historicamente atribuídas a seus autores” (LOPES, 2011, p. 136-137).

O uso de pseudônimos aplicou-se também a outros nomes que foram destaques na literatura internacional, como George Sand, George Eliot e os irmãos Acton Bell, Currer Bell e Ellis Bell. George Sand era, na verdade, Amandine Aurore Lucile Dupin, que viveu na França entre 1804 e 1876. Deu início a sua carreira escrevendo para o jornal *Le Figaro*, em parceria com Jules Sandeau, de quem derivaria o sobrenome de seu pseudônimo – Sand – e com quem escreveria, em 1831, o livro *Rose et Blanche*. A partir de 1832, iniciou sua carreira solo e escreveu seu primeiro romance, *Indiana*, adotando o pseudônimo masculino de George Sand,

para que pudesse ser aceita no meio literário (VIEIRA, 2016). Por sua vez, George Eliot escondia a verdadeira identidade de Mary Ann Evans, uma escritora britânica que viveu entre 1819 e 1880. Apesar de incentivada a escrever por seu companheiro de mais de vinte anos, George Henry Lewes, Mary Ann sabia que o tipo de romance que escrevia não seria aceito no mundo literário, e então adotou esse pseudônimo, “[...] para assegurar que seus trabalhos fossem considerados seriamente em uma era quando as mulheres autoras eram usualmente associadas com romances românticos.” Ela foi “[...] uma das principais romancistas britânicas do século 19. Seus romances, sendo *Middlemarch* o mais famoso, foram celebrados por seu realismo e insights psicológicos” (BBC, 2014, p. 1). Usando do mesmo artifício para lançarem sua coleção de versos, intitulada *Poemas*, editada em 1846, as irmãs Brontë - Charlotte Brontë, Emily Brontë e Anne Brontë - adotaram pseudônimos masculinos que mantinham apenas a primeira letra de seus verdadeiros nomes, respectivamente Currer, Ellis e Acton Bell, tendo por base a mesma motivação de Eliot - serem levadas a sério em uma sociedade amplamente machista. Para elas, entretanto, o recurso ao uso de pseudônimo foi breve; nas próximas obras publicadas, já puderam adotar seus próprios nomes e foram muito bem sucedidas: Charlotte fez sucesso com o romance *Jane Eyre*, Emily, com *O Morro dos Ventos Uivantes* e Anne, com *Agnes Grey*, obras que ganharam status de clássicos, dando-lhes a oportunidade de superar a situação inicial de anonimato. Entretanto, a aceitação inicial das três obras não foi igual para as irmãs Brontë: os romances de Charlotte e Anne foram muito bem aceitos pela crítica e pelos leitores, porém o de Emily sofreu severas críticas: “[...] para muitos críticos era impossível uma história tão densa ter saído da mente de uma mulher” (LEE-MEDDI, 2009, p. 1), declaração que revela explicitamente o preconceito em relação à figura feminina. E, em acréscimo a essa crítica, Emily era “[...] vista por alguns como se tivesse um demônio dentro de si para criar tão amoral personagem [...]”, em alusão ao personagem central da trama, Heathcliff, “[...] uma das personagens mais inquietantes da literatura universal, [que] desperta ódio e paixão entre os leitores, [e] é a própria essência bruta de todos os sentimentos” (LEE-MEDDI, 2009, p. 1). Comparada à obra de Shakespeare, Rei Lear, principalmente pelas paixões grandiosas e incontroláveis (THORNLEY, 1970), *O Morro dos Ventos Uivantes* causou não só um mal-estar nos leitores, como no próprio gênero literário da época, com sua temática e

estilo despídos do maniqueísmo moralista vigente, onde os bons e os maus não se distinguiam entre as personagens. O livro quebrava com o retrato literário do seu tempo, fugia ao romantismo estilizado e sucumbia ao realismo literário puro, desfazendo o momento literário em que foi escrito. Com o passar do tempo, quebraram-se os preconceitos e *O Morro dos Ventos Uivantes* tornou-se imprescindível, a obra mais importante escrita na literatura inglesa daquele tempo (LEE-MEDDI, 2009).

Embora esses fatos pertençam à história literária passada, preconceitos e discriminações à mulher literata não são exclusivos desse tempo; “[...] ainda hoje escritores e escritoras muitas vezes sentem a força dos estereótipos. Para o senso comum, mulheres devem produzir obras românticas e ‘leves’. Aos homens são reservados os thrillers” (EHLING, 2013, p. 1). Essa talvez tenha sido a motivação para que a conhecida autora da série Harry Potter, J. K. Rowling, da literatura contemporânea, escrevesse os romances policiais como *O chamado do Cuco* e *O bicho da seda* sob o pseudônimo de Robert Galbraith. E não é só: outra forma de ocultação da verdadeira identidade é a utilização de iniciais em vez do nome completo: a própria Rowling, cujo nome original é Joanne Rowling, apresentou-se ao público com as iniciais J. K. seguidas de seu sobrenome, provavelmente buscando uma identidade “neutra” para melhor transitar nos contextos marcados pela presença majoritariamente masculina (EHLING, 2013).

A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA – UMA CONQUISTA RECENTE

A participação da mulher na literatura brasileira é tardia. No Brasil colonial (séculos XVI, XVII e XVIII), tivemos, de acordo com a historiografia oficial, poucas mulheres que se dedicaram à produção literária. A educação escolar, nessa época, era majoritariamente destinada aos homens, ficando as mulheres, em grande parte, excluídas do processo educacional, o que cerceava o aparecimento de mulheres dedicadas às letras (BATISTA, 2012). Poucas mulheres, nesse período, tiveram oportunidade de se dedicar aos estudos e à produção de obras literárias. Alguns exemplos são Bárbara Heliodora, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Ildefonsa Laura César e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (BATISTA, 2012). Bárbara Heliodora (1758-1819) foi casada com Alvarenga Peixoto, poeta árcade, e escreveu os poemas: *Conselhos de Bárbara Heliodora a seus filhos* e

Amada filha; Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868) dedicou-se “à poesia, à prosa e à tradução, assinando seus textos com o pseudônimo ‘D. Beatriz’. Voltada para as questões educacionais, dirigiu, em Vila Rica, um educandário para meninas” (BATISTA, 2012, p. 268); Ildefonsa Laura César (1794?) foi a primeira baiana a ter seus versos publicados em livro, e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806?) [...] “exercitou diferentes gêneros discursivos: poemas, contos, pequena novela e crônica dialogada” (BATISTA, 2012, p. 269).

A possibilidade de a condição feminina começar a se alterar deuse quando, em 1827, foi implantada “[...] a primeira legislação referente à educação feminina, garantindo à mulher os estudos elementares [...]” (BATISTA, 2012, p. 266), inserindo um contingente maior de mulheres no meio cultural de sua época. Todo esse demorado processo de inclusão da mulher no contexto educacional e cultural colaborou para que apenas no início do século XX as mulheres viessem a ter mais visibilidade no meio literário.

No Brasil do século XIX, a participação da mulher na literatura ainda era restrita. Nessa época, tivemos um exemplo de mulher literata que sofreu preconceitos por ser mulher, negra e bastarda. Seu nome era Maria Firmina dos Reis, tida como a primeira romancista brasileira. Nascida no Maranhão, em 1825, Maria Firmina viveu parte de sua vida na casa de uma tia materna, responsável por sua formação. Teve ainda o apoio do escritor e gramático Sotero dos Reis, seu primo por parte de mãe, e pôde, com isso, dedicar-se aos estudos na busca pelo conhecimento, e o fez como autodidata, baseando sua instrução em muita leitura – lia e escrevia francês fluentemente (MENDES, 2006). Maria Firmina escreveu em jornais, fez poesias e escreveu romances como *Úrsula*, de 1859, tido como precursor do romance escrito por uma mulher em nosso país, e como representante da “primeira voz feminina no Brasil que registraria a temática do negro”. Como costumava acontecer com as mulheres escritoras dessa época, esse seu romance foi “[...] assinado simplesmente por ‘uma maranhense’, recurso bastante usado no século XIX, principalmente pelas mulheres que se aventuraram a escrever [...]” (MENDES, 2006, p. 95). Ao longo dos seus 92 anos de vida, teve diversas publicações. Além do romance *Úrsula*, escreveu, durante a campanha abolicionista, o livro *A Escrava*, reforçando sua postura antiescravista, que ela expressa também como compositora do

Hino da Abolição da Escravatura. “Fundadora da primeira escola mista e gratuita do estado, a escritora sempre lutou pela educação, igualdade racial e de gênero” (PEREIRA, 2016, p. 1). Representante da fase romântica de nossa literatura, Maria Firmina dos Reis, trazia para seus escritos as questões ligadas à natureza, como o trecho de *Meditação* pode mostrar-nos (FENSKE, 2015, p. 1):

Vejamos pois esta deserta praia,
Que a meiga lua a pratear começa
Com seu silêncio se harmoniza esta alma,
Que verga ao peso de uma sorte avessa.

Outra mulher literata, nascida no século XIX, mas que viveu a maior parte de sua vida no século XX e se destacou como poetisa no cenário literário nacional, foi Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. A importante poeta brasileira nasceu na cidade de Goiás, vivendo entre os anos de 1889 e 1985. Criou, em 1908, o jornal de poemas femininos *A Rosa*, junto com outras duas amigas. Seu primeiro livro - *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* -, entretanto, só foi publicado em 1965, quando ela já estava com 76 anos. Além de ter se consagrado escritora, era também doceira famosa, atividade que exerceu até o final de sua vida (FRAZÃO, 2017b). Muito do que dela conhecemos está em seus próprios poemas. Falou de si mesma: “Sou mulher como outra qualquer. Venho do século passado e trago comigo todas as idades. [...]” (RODRIGUES, 2001). Falou de sua terra natal, de suas ruas e becos, dos muros, das plantas, das calçadas... Nas palavras de Oswaldino Marques: “É extraordinária a maneira como absorve, assimila o tempo e a geografia desse perdido paraíso dos trópicos, reofertado a nós em sua autenticidade inaugural” (MARQUES, 2006, p. 15).

Escreve, também, sobre o cotidiano, sobre as pessoas e fatos acontecidos em sua vida, amalgamando o singelo ao belo. Carlos Drummond de Andrade, em carta a ela escrita em 14 de julho de 1979, diz: “[...] seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais” (CORALINA, 2006). Embora tenha vivido boa parte de sua vida no século XX, Cora Coralina sofreu as consequências do modo de funcionamento da sociedade dominante até aquele momento, tendo de se submeter às restrições feitas

ao papel da mulher na sociedade da época, que se limitava à procriação e educação dos filhos. Um fato ocorrido em sua vida, quando ainda era casada, ilustra essa realidade: Cora Coralina foi convidada a participar da Semana de Arte Moderna, de 1922, mas seu marido a impediu de aceitar o convite, perdendo, assim, a oportunidade de ter sua produção literária reconhecida já naquele momento histórico.

Com as transformações socioeconômicas provocadas pela Revolução Industrial e pela luta da mulher em defesa de seus direitos e conquista de sua independência, os espaços de participação foram se ampliando a partir do século XX, quando, então, muitos preconceitos e tabus foram se quebrando, e o papel da mulher na literatura foi tomando novas proporções. Um destaque dessa época, nas letras nacionais, foi Cecília Meireles: pintora, professora, jornalista e poeta, que dedicou seus escritos aos leitores adultos e também às crianças. Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1901, Cecília Meireles “[...] sofreu uma sucessão de perdas em sua história, o que não a deixou amarga nem derrotista. Motivos não faltariam. Seu pai morreu três meses antes de ela nascer, sua mãe faleceu três anos depois do nascimento da filha, que foi criada pela avó materna.” (CARPINEJAR, 2014, p. 14).

Gravados em sua memória, esses acontecimentos seriam lembrados em seus versos (MEIRELES, 2014, p. 51):

[...]
Tão longe, a minha família!
Tão dividida em pedaços!
Um pedaço em cada parte...
Pelas esquinas do tempo,
brincam meus irmãos antigos:
uns anjos, outros palhaços...
Seus vultos de labareda
rompem-se como retratos
feitos em papel de seda. [...]

Teve ainda outras perdas, como a de seus três irmãos e de seu primeiro marido. Em função desta última perda precisou cuidar sozinha de suas três filhas. Mais tarde casou-se novamente e deu continuidade a uma carreira que já vinha se estabelecendo de forma promissora. Publicou muitas obras, entre elas: *Espectros* (1919), *Viagem* (1939), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Canções* (1956), *Flores e Canções* (1979). Cecília Meireles “[...] foi a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas” (FRAZÃO, 2017c, p. 1).

Outro nome de destaque na literatura nacional do século XX é Carolina Maria de Jesus, “[...] considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País” (FRAZÃO, 2017d, p. 1). Carolina Maria de Jesus nasceu em uma família pobre, na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914 e faleceu em São Paulo no dia 13 de fevereiro de 1977. Neta de escravos, era filha de uma lavadeira analfabeta e recebeu ajuda e incentivo de uma das freguesas de sua mãe - Maria Leite Monteiro de Barros - para frequentar a escola. A partir dos sete anos, frequentou o colégio Alan Kardec, onde cursou os dois primeiros anos do ensino fundamental. “Apesar de pouco tempo na escola, Carolina logo desenvolveu o gosto pela leitura e escrita” (FRAZÃO, 2017d, p. 1). Foi lavradora, empregada doméstica e catadora de papel e ferro velho. Quando estava morando em São Paulo, na favela Canindé, conheceu o jornalista Audálio Dantas, que fazia, em 1958, uma reportagem sobre essa favela e se interessou pelos seus 35 cadernos com anotações em forma de diário. Em 1959, Dantas publica trechos desses diários na revista *O Cruzeiro* e, em 1960, edita o conteúdo dos diários e publica o livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, que teve notável sucesso editorial (FOLHA..., 2016). Esse livro “[...] trata do dia a dia repleto de discriminação de uma mulher negra, mãe, pobre e favelada” (PEREIRA, 2016, p. 1) e retrata uma realidade que ainda persiste em nossos dias - a dura realidade de quem não tem seus direitos humanos básicos garantidos, o que pode ser observado nos trechos do diário de Carolina de Jesus que está publicado no livro *Quarto de Despejo* (JORNAL PLÁSTICO BOLHA, 2008, p. 1): “Deixei o leito às 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. [...] Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão.” Além de *Quarto de Despejo*, foram

também lançados os livros *Casa de Alvenaria*, *Pedaços de fome* e *Provérbios*, e trabalhos póstumos, como o de 2014, *Onde Estaes Felicidade*.

Contemporânea de Carolina Maria de Jesus, destacou-se também no cenário das letras a Ucraniana Clarice Lispector, que nasceu em 1920 e aos dois anos veio com sua família para o Brasil. Inicialmente estabelecida na cidade de Maceió, em Alagoas, muda-se, em 1925, para a cidade de Recife, em Pernambuco, onde Clarice passa sua infância. Aos dezessete anos, vai para o Rio de Janeiro, e, nessa cidade, forma-se em Direito no ano de 1943, mesmo ano de seu casamento com Maury Gurgel Valente e do lançamento de seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*, com o qual recebe, em 1944, o Prêmio Graça Aranha. Depois disso, Clarice passa a morar em vários lugares fora do Brasil para acompanhar seu marido que assumiu carreira diplomática. Em 1959, separa-se de seu marido e volta ao Rio de Janeiro com seus dois filhos, Pedro, nascido na Suíça em 1949 e Paulo, nascido nos Estados Unidos em 1953. A partir daí trabalha em jornais - *Correio da Manhã*, *Diário da Noite* - ao mesmo tempo em que continua a escrever seus romances (FRAZÃO, 2017e, p. 1). Clarice Lispector, “[...] reconhecida como uma das mais importantes escritoras do século XX”, escreveu romances como *O Lustre* (1946), *A Cidade Sitiada* (1949), *A Maçã no Escuro* (1961), *A Paixão Segundo G. H.* (1961), *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* (1969) e *Água Viva* (1973); e seleções de contos como *Contos* (1952), *Laços de Família* (1960), *Felicidade Clandestina* (1971) e *Imitação da Rosa* (1973). Escreveu também obras de literatura infantil, dedicando aos pequenos leitores histórias como: *O Mistério do Coelho Pensante* (1967), *A Mulher Que Matou os Peixes* (1969) e *A Vida Íntima de Laura* (1974). Seu último romance, *A Hora da Estrela* (1977), foi escrito no ano de sua morte (FRAZÃO, 2017e). A respeito dele, Castello afirma que “Pouco antes de morrer, em 1977, Clarice Lispector decide se afastar da inflexão intimista que caracteriza sua escrita para desafiar a realidade. O resultado desse salto na extroversão é *A Hora da Estrela*, o livro mais surpreendente que escreveu” (CASTELLO, 1998, grifo do autor). Por meio de um falso autor que cria para seu livro, o narrador Rodrigo S. M., a autora cria um modo peculiar de escrita:

Acho com alegria que ainda não chegou a hora de estrela de cinema de Macabéa morrer. Pelo menos ainda não consigo adivinhar se lhe acontece o homem louro e estrangeiro. Rezem por ela e que todos interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe vida, pois

Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito. Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida. Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago. (LISPECTOR, 1998, p. 83).

A Hora da Estrela extrapolou os limites do meio literário convencional, convertendo-se em outra linguagem: transformou-se em filme que teve grande repercussão nacional e internacional. “A versão cinematográfica desse romance, dirigida por Suzana Amaral em 1985, conquistou os maiores prêmios do festival de cinema de Brasília e deu à atriz Marcélia Cartaxo, que fez o papel principal, o troféu Urso de Prata em Berlim em 1986” (FRAZÃO, 2017e, p. 1).

A SITUAÇÃO PARTICULAR DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Apesar do século XX ter sido caracterizado como um século menos cerceador da participação das mulheres no campo literário, a Academia Brasileira de Letras, até 1976, impedia a presença da figura feminina entre os imortais. “O projeto inaugural a partir do qual a Academia Brasileira de Letras foi criada assegurou-lhe uma compleição marcadamente androcêntrica, característica esta que permaneceu inalterada por décadas a fio” (FANINI, 2010, p. 346). Tentativas de ingresso das mulheres escritoras à Academia houve já a partir sua fundação, em 1897, quando Júlia Lopes de Almeida teve seu nome indicado, mas negado sob a alegação de que a instituição seguia as mesmas normas da francesa, que não admitia a presença feminina em seus quadros (FANINI, 2010). Para a manutenção dessa restrição, os acadêmicos incluíram no Regimento Interno da Academia, de 1927, o disposto no Art. 2º do Estatuto da Academia Brasileira de Letras, que estabelece que “[...] só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário [...]” (ABL, 1897). Por essa via, “[...] o Art. 30 do Regimento Interno da agremiação (que, nas edições posteriores a 1964, corresponde ao Art. 17) reitera o Estatuto, e postula que ‘os membros efetivos da Academia serão eleitos dentre os brasileiros, nas condições do Art. 2.º dos Estatutos,

[...]” (FANINI, 2010, p. 347), mantendo, durante muito tempo, uma interpretação enviesada desse artigo, que compreendia a expressão “os brasileiros” como sinônima de pessoas do sexo masculino.

É nesse contexto que, em 1930, surge a candidatura de Amélia Beviláqua, esposa de Clóvis Beviláqua – um dos membros fundadores da Academia – e que, ao cabo de muitas discussões acerca da participação das mulheres nesse colegiado, foi firmada a recusa do pedido da candidata, tendo como suporte essa interpretação enviesada do dispositivo regimental, o que ocasionou a ruptura de Beviláqua com a Academia.

Mais de vinte anos depois, essa interpretação ganhou substância com “[...] a modificação do referido Artigo, em 1951, que passou a incorporar o aposto restritivo ‘do sexo masculino’”, confirmando, de forma explícita “a postura ‘misógina’ da entidade, até então tácita [...]” (FANINI, 2010, p. 347).

Em 1970, apesar do interdito expresso da Academia à participação da mulher em seus quadros, Dinah Silveira de Queiroz inscreve-se para concorrer a uma cadeira na instituição. E o debate vem mais uma vez à tona, porém sem sucesso para as pretensões de Dinah: o presidente da Academia Brasileira de Letras à época, Austregésilo de Athayde, nega seu pedido, alegando o dispositivo expresso de proibição da presença feminina naquele colegiado, o Art. 17 do Regimento Interno (FANINI, 2010). Sua admissão seria possível apenas dez anos mais tarde. Após seis anos desse acontecimento, “no dia 2 de setembro de 1976, foi votada a proposta de alteração do Art. 17 do Regimento Interno, dando-se interpretação ampla à palavra ‘brasileiros’, constante no Art. 2º dos Estatutos, para permitir a candidatura de escritoras à Academia Brasileira de Letras” (BOLETIM..., 2016), ao que parece, preparando a eleição de Rachel de Queiroz que seria concretizada no ano seguinte.

Entre a aprovação da elegibilidade feminina e a posse de Rachel de Queiroz passaram-se quase dez meses. O pleito que a sagrou imortal ocorreu em 4 de agosto de 1977, no qual a escritora disputou com Pontes de Miranda a Cadeira 5, na sucessão de Cândido Motta Filho. Foram 23 votos pra Rachel de Queiroz contra 15, dedicados a Pontes de Miranda, além de um voto nulo. Assim, com uma margem de 8 votos de vantagem, Rachel de Queiroz obteve uma vitória relativamente “fôlgada”, tornando-

se notícia de primeira página em todos os jornais da época (FANINI, 2010, p. 356).

Ao ser eleita, Rachel de Queiroz tornou-se a primeira mulher imortal daquela instituição. Porém, isso não significou igualmente uma vitória para o movimento feminista; antes, foi o resultado de uma articulação política que revelou a força das ingerências externas nas decisões da Academia: Rachel de Queiroz era prima de Humberto de Alencar Castello Branco, o primeiro presidente militar do Brasil após o golpe de 1964 e um dos que participaram de seu planejamento. Além disso, ela própria fez parte do movimento que instaurou a ditadura que se seguiu a esse golpe. “Tratava-se menos de aprovar a elegibilidade feminina do que de criar condições favoráveis para a viabilização de um ingresso específico” (FANINI, 2010, p. 351). Rachel de Queiroz, ocupante da Cadeira 5 da Academia Brasileira de Letras, projetou-se no cenário da literatura nacional, publicando mais de duas mil crônicas, e inúmeros livros (ABL, 2017a). Nascida em Fortaleza (CE), em 17 de novembro de 1910, a escritora estreou seu trabalho em 1927, usando o nome de Rita de Queiroz, com uma publicação em um jornal do Ceará. Em 1930, Rachel publicou o romance *O Quinze*, que teve uma grande repercussão no Rio de Janeiro e em São Paulo: “não tendo ficado incólume às rotulações, a escritora teve sua obra considerada como um antípoda das representações literárias sobre o feminismo e sobre o feminino, tendo o seu estilo definido repetidas vezes como másculo, viril” (FANINI, 2010, p. 361). Graciliano Ramos chegou a pensar que o nome Rachel de Queiroz fosse fictício e escondesse uma autoria masculina, apenas com base em uma escrita que expressava mais dura e cruamente a realidade, como se observa no trecho a seguir:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão. Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. (ABL, 2017b, p. 1).

Rachel de Queiroz morreu em 4 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro (ABL, 2017a). Depois dela, mais sete mulheres escritoras ingressaram na Academia Brasileira de Letras: Dinah Silveira de Queiroz (1980), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélida Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003), Cleonice Berardinelli (2009) e Rosiska Darcy de Oliveira (2013).

A escritora Dinah Silveira de Queiroz foi eleita pela academia em 10 de julho de 1980, ocupando a Cadeira 7. “A eleição de Dinah Silveira de Queiroz, a segunda mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, [...] foi a consagração de uma escritora vinda de uma das famílias brasileiras mais voltadas às letras.” (ABL, 2017c, p. 1). Nascida em São Paulo em 9 de novembro de 1911, viveu desde menina com uma parente, pois perdeu muito cedo sua mãe. As visitas que o pai lhe fazia eram sempre preenchidas com leituras que tiveram grande influência em seus futuros escritos (ABL, 2017c). Casou-se aos 19 anos com Narcélio de Queiroz, primo de Rachel de Queiroz, que faleceu em 1961. No ano seguinte, casou-se com “o diplomata Dário Moreira de Castro Alves, que chegou a atuar como Embaixador do Brasil em Portugal” (FANINI, 2010, p. 350). Desde 1970, quando se candidatou a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e teve seu nome vetado em função da proibição ao ingresso de mulheres na instituição, Dinah manteve-se em constante luta para anular o dispositivo regulamentar dessa interdição e possibilitar a presença feminina na Academia. Mas, como afirmamos antes, somente dez anos depois, em 1980, foi concretizado o seu ingresso nessa agremiação. Sua primeira obra de destaque foi o romance *Floradas na serra*, de 1939, “contemplado com o Prêmio Antônio de Alcântara Machado (1940), da Academia Paulista de Letras, e transposto para o cinema em 1955” (ABL, 2017c, p. 1). Foi também inspiração para a telenovela homônima produzida pela TV Cultura em 1981. Um pouco do estilo da autora pode ser observado neste trecho extraído de *Floradas na serra*:

Cobria-se a Serra de flores. Correu primeiro um balbucio de primavera. Seria já a florada? Botões, aqueles pequenos sinais? No meio dos bosques escondidos entre os montes, o amarelo e o vermelho salpicavam, abriam no verde sorridente espanto. Em lugares mais resguardados, mais favorecidos, em breve surgia a neve florida cobrindo as pereiras e transformando, enriquecendo a paisagem. (ABL, 2017d, p. 1).

Dinah publicou contos, novelas, crônicas e romances. Viveu seus últimos anos em Lisboa com o segundo marido, de onde publicou sua última obra: *Guida, caríssima Guida* (1981). Morreu em 27 de novembro de 1982, no Rio de Janeiro.

A terceira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras foi Lygia Fagundes Telles, ocupando a Cadeira nº 16. Seu ingresso ocorreu em 1985, então com uma carreira consolidada e muitos prêmios importantes recebidos, tais como “[...] o Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, em 1949, o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1965 e o Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras, em 1973” (FRAZÃO, 2016a, p. 1). Nascida em São Paulo, em 1923, Lygia Fagundes Telles passou sua infância em várias cidades do interior. Desde muito cedo interessou-se pela leitura e pela escrita; aos 15 anos publicou seu primeiro livro, *Porão e Sobrado*. Embora formada em Direito e Educação Física, pela Universidade de São Paulo, seu maior interesse sempre foi literatura (FRAZÃO, 2016a). Além dos prêmios já citados, recebeu também o Prêmio Jabuti, por sua obra *Invenção e Memória* (2001) e o Prêmio Camões (2005), em Porto, Portugal (FRAZÃO, 2016a). Em 2016, teve uma merecida indicação ao prêmio Nobel de Literatura, tornando-se, aos 92 anos de idade, a primeira mulher brasileira a receber tal distinção. Na elaboração de suas obras, desenvolveu um estilo “caracterizado por representar o universo urbano e por explorar de forma intimista a psicologia feminina” (FRAZÃO, 2016a, p. 1).

Vivendo a realidade de uma escritora do terceiro mundo LFT considera sua obra de natureza engajada, ou seja, comprometida com a difícil condição do ser humano em um país de tão frágil educação e saúde. Participante desse tempo e dessa sociedade a escritora procura apresentar através da palavra escrita a realidade envolta na sedução do imaginário e da fantasia. Mas enfrentando sempre a realidade desse país: em 1976, durante a ditadura militar, integrou uma comissão de escritores que foi a Brasília entregar ao Ministro da Justiça o famoso “Manifesto dos Mil”, veemente declaração contra a censura e que foi assinada pelos mais representativos intelectuais do Brasil. (ABL, 2017e, p. 1).

De seu estilo marcante podemos ter uma pequena mostra no trecho reproduzido a seguir, retirado do conto *Herbarium*, que integra a

coletânea Os melhores contos de Lygia Fagundes Telles, de 1984 (ABL, 2017f, p. 1).

[...] As folhas persistentes duravam até mesmo três anos mas as cadentes amareleciam e se despregavam ao sopro do primeiro vento. Assim a mentira, folha cadente que podia parecer tão brilhante mas de vida breve. Quando o mentiroso olhasse para trás, veria no final de tudo uma árvore nua. Seca. Mas os verdadeiros, esses teriam uma árvore farfálhante, cheia de passarinhos - e abriu as mãos para imitar o bater das folhas e asas. [...]

Quatro anos depois de Lygia Fagundes Telles, em 1989, Nélida Piñon tornou-se a quarta mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira 30 e foi a primeira mulher, em 100 anos, a presidir essa instituição, entre nos anos de 1996 e 1997, por ocasião de seu I Centenário, e também a primeira mulher a presidir uma Academia de Letras no mundo (ABL, 2017g). Descendente de Galegos, nasceu em 1937, no Rio de Janeiro, e formou-se em jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio, tendo escolhido, desde criança, o seu ofício: quando era ainda uma menina, escrevia pequenas histórias e as vendia ao pai e familiares (ABL, 2107g). Sua primeira obra publicada foi o romance *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo*, em 1961. Recebeu inúmeros prêmios e condecorações nacionais e internacionais, e também homenagens, como a Biblioteca Nélida Piñon, no Morro Santa Marta (Botafogo – Rio de Janeiro). Escreveu mais de vinte obras, entre romances, como *Madeira Feita Cruz* (1963), *Fundador* (1969), *Tebas do Meu Coração* (1998) e *Vozes do Deserto* (2004); contos, como *Tempo das Frutas* (1966), *Sala de Armas* (1973) e *O Cortejo do Divino* e outros *Contos Escolhidos* (1999); ensaios, como *Aprendiz de Homero* (2008) e discursos, como *O Presumível Coração da América* (2002). Escreveu também *A roda do vento*, em 1996, para o público infanto-juvenil (ABL, 2017g). Conforme reportagem de Silva (2015, p.1), o Prêmio Nobel Mario Vargas Lhosa, ao tecer elogios aos livros de Nélida Piñon, teria afirmado que eles “[...] permitem a imersão num mundo de grande riqueza verbal, que explora sutilmente a condição humana e desvela a infinita variedade de atitudes e reações de homens e mulheres frente a experiências do amor, da amizade, da fantasia, da palavra e da própria

literatura.” Uma pequena amostra do que disse o autor observa-se no trecho selecionado de *Colheita*, conto publicado na coletânea *Sala das Armas* (1997):

Um rosto proibido desde que crescera. Dominava as paisagens no modo ativo de agrupar frutos e os comia nas sendas minúsculas das montanhas, e ainda pela alegria com que distribuía sementes. A cada terra a sua verdade de semente, ele se dizia sorrindo. Quando se fez homem encontrou a mulher, ela sorriu, era altiva como ele, embora seu silêncio fosse de ouro, olhava-o mais do que explicava a história do universo. Esta reserva mineral o encantava e por ela unicamente passou a dividir o mundo entre amor e seus objetos. Um amor que se fazia profundo a ponto de se dedicarem a escavações, refazerem cidades submersas em lava. (NOGUEIRA JR., 2015, p. 1).

Quinta mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, a escritora Zélia Gattai foi eleita em 2001 e ocupou a Cadeira 23, que ficou vaga com a morte de seu marido e também escritor Jorge Amado. Zélia nasceu em São Paulo, no dia 2 de julho de 1916 e faleceu em 31 de março de 2008. Filha de “imigrantes italianos, passou sua infância e adolescência no bairro de Paraíso. Participava junto com a família do movimento político-operário organizado por imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, que reivindicavam melhorias no trabalho” (FRAZÃO, 2015, p. 1). Depois de separar-se de seu primeiro marido, Zélia, tendo já um filho, conheceu Jorge Amado, e ambos passaram a viver juntos em 1945, ano em que Jorge foi eleito para a Câmara Federal, pelo Partido Comunista Brasileiro. Em 1948, o Partido foi considerado ilegal, e Jorge cassado, passando a morar no exterior com a família, que percorreu vários países nesse tempo de exílio (FRAZÃO, 2015). Dentre seus vários livros de memórias, o primeiro foi *Anarquistas Graças a Deus*, lançado em 1979, dando início à carreira literária de Zélia. É dele o trecho transcrito a seguir:

[...] Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo. (GATTAI, 1986, p. 23).

Escreveu livros de memórias, como *Um Chapéu para Viagem* (1982), *Senhora Dona do Baile* (1984) e *A Casa do Rio Vermelho* (1999); romance, como *Crônica de Uma Namorada* (1995) e literatura infantil, como *Pipistrela das Mil Cores* (1989), *O Segredo da Rua 18* (1991) e *Joana e a Sereia* (2000).

A sexta mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras foi Ana Maria Machado, nascida no Rio de Janeiro, em 1941. Iniciou sua carreira como pintora, mas decidiu formar-se em Letras e dedicar-se à literatura. Nos anos sessenta foi exilada pelo regime militar indo morar na Europa. Continuou seus estudos de pós-graduação na França - fez doutorado em Linguística sob a orientação de Roland Barthes. Quando voltou ao Brasil, deu continuidade ao seu projeto, anterior a seu exílio, de escrever livros dedicados ao público infantil, constituindo-se como a primeira acadêmica dedicada, prioritariamente, à Literatura Infantil (FRAZÃO, 2016b).

Recebeu vários prêmios por sua produção literária, como o Prêmio João de Barro pelo livro *História Meio ao Contrário* (1977); Prêmio Hans Christian Andersen (2000), considerado o prêmio Nobel de Literatura Infantil Mundial; e Prêmio Literário Nacional Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra (2001) (FRAZÃO, 2016b). Ana Maria Machado foi eleita como membro da Academia Brasileira de Letras no dia 24 de abril de 2003, tendo presidido a instituição nos anos 2012 e 2013. Ocupa atualmente a Cadeira 1.

A sétima mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras foi Cleonice Berardinelli, ocupante da Cadeira 8, eleita em 16 de dezembro de 2009, aos 93 anos de idade. Nascida no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1916, morou em vários lugares do Brasil, em virtude de seu pai ser oficial do Exército e passar por sucessivas transferências. No Rio, diplomou-se no Instituto Nacional de Música e, em São Paulo, cursou Letras Neolatinas na USP. De volta ao Rio, começou a trabalhar como assistente do Professor Thiers Martins Moreira, definindo, assim, o que viria a ser uma carreira plena de sucesso (ABL, 2016). Em reportagem do final de agosto de 2016, Goulart (2016, p.1) fala-nos sobre a festa dos 100 anos de Cleonice Berardinelli, uma acadêmica cujo trabalho “[...] fez dela uma referência mundial nos estudos de língua portuguesa, e rendeu, mesmo que a contragosto, o apelido de ‘divina’”. Nessa data, recebeu as homenagens de ex-alunos seus que fazem parte da Academia, dentre

eles, Zuenir Ventura, Domício Proença Filho e Antônio Carlos Sechin. Conquistou seu título de “Livre-docente de Literatura Portuguesa por concurso pela Faculdade Nacional de Filosofia (1959), defendendo a Tese: **Poesia e poética de Fernando Pessoa**, a primeira tese sobre o autor feita no Brasil” (ABL, 2016, p. 1, grifo no original).

A última mulher, a oitava até o presente momento, a ingressar na Academia Brasileira de Letras é Rosiska Darcy de Oliveira. Ocupante da Cadeira 10, foi eleita em 11 de abril de 2013. Nascida no Rio de Janeiro, em 1944, forma-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica. Nos anos 60, firma-se profissionalmente como jornalista, mas tem sua carreira interrompida, em 1970, ao ser exilada para a Suíça, em virtude das denúncias que fazia dos crimes de tortura praticados por agentes da ditadura militar instaurada no país a partir do golpe de 1964. No exílio, encontra-se com Paulo Freire e estuda com Jean Piaget, voltando seus interesses para a educação. Juntamente com Freire, envolve-se em projetos educacionais levados a efeito em países africanos de língua portuguesa recém libertados do regime colonial. Participa também do movimento internacional de mulheres de cujo envolvimento produz os ensaios *Les Femmes en Mouvement et l’Avenir de l’Education* (Universidade de Genebra, 1978) e *Educations et sociétés* (UNESCO, 1979). Sua tese de doutorado defendida na Faculté de Psychologie et Sciences de l’Education: *La Formation des Femmes comme Miroir de l’Ambiguïté* focaliza o tema do Feminino (ABL, 2017h). Ao retornar ao Brasil, em 1980, continua com sua atividade ensaística, focalizando os temas da Educação e do Feminino e escreve seu mais importante ensaio, *Elogio da Diferença* (Brasiliense, 1991), que também foi publicado nos Estados Unidos sob o título de *In Praise of Difference* (Rutgers, 1998) e teve uma reedição brasileira pela Editora Rocco em 2012. Além disso, produziu crônicas e contos: *A Dama e o Unicórnio* (Rocco, 2000), *Outono de Ouro e Sangue* (Rocco, 2002), *A Natureza do Escorpião* (Rocco, 2006) e *Chão de Terra* (Rocco, 2010) (ABL, 2017h).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo o exposto, concluímos que o espaço literário feminino foi uma longa e árdua conquista social desde o tempo em que mulheres autoras eram reduzidas ao título de “Senhora Fulano de tal” (consideradas

apenas por estarem casadas), ou tinham que usar nomes masculinos para angariar mínimo respeito por suas obras, ou, ainda, não tinham suas obras aceitas pelas editoras exatamente por serem mulheres. A conquista de um espaço mais amplo a partir do século XX é um processo em andamento, não terminou. Há ainda muitos obstáculos a superar e muito espaço a conquistar. Em termos da presença feminina na Academia Brasileira de Letras, “[...] é possível dizer que, se desde 1976, as mulheres não mais se deparam com uma entidade cujos umbrais até então lhes estavam completamente cerrados, agora, suas portas ao menos se encontram entreabertas” (FANINI, 2010, p. 364), o que, historicamente, representa um avanço, considerando-se que, durante os (quase) 80 anos iniciais de sua existência, essa instituição não admitiu o ingresso de mulheres em seus quadros. É preciso, pois, estado de alerta e constante mobilização contra preconceitos de toda ordem, contra as gigantescas diferenças entre classes sociais quanto às possibilidades de alimentação, moradia, saúde, educação e acesso aos bens culturais e aos espaços sociais.

É preciso ainda que tenhamos um sistema de ensino oficial que proporcione às escolas as condições necessárias e suficientes para realizar um trabalho educativo eficiente, que de fato promova o desenvolvimento do educando, de modo que todos os sujeitos sociais, indiscriminadamente, tenham acesso aos conteúdos da cultura e, no caso específico do assunto aqui tratado, que tenham acesso à produção literária brasileira e estrangeira, capaz de inseri-los no universo daqueles que apreciam a boa leitura e que se aventuram na arte da escrita.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Estatutos da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1897. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academia/estatuto>. Acesso em: 13 nov. 2017.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Cleonice Berardinelli: biografia*. 2016. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/cleonice-berardinelli/biografia>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Rachel de Queiroz: biografia*. [2017a]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 13 nov. 2017.

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Rachel de Queiroz*: textos escolhidos. [2017b]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/textos-escolhidos>. Acesso em: 13 nov. 2017.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Dinah Silveira de Queiroz*: biografia. [2017c]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/dinah-silveira-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Dinah Silveira de Queiroz*: textos escolhidos. [2017d]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/dinah-silveira-de-queiroz/textos-escolhidos>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Lygia Fagundes Telles*: biografia. [2017e]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Lygia Fagundes Telles*: textos escolhidos. [2017f]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/textos-escolhidos>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Nélida Piñon*: biografia. [2017g]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/nelida-pinon/biografia>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Rosiska Darcy de Oliveira*: biografia. [2017h]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rosiska-darcy-de-oliveira>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- BATISTA, E. R. A produção de obras de autoria feminina no período colonial brasileiro: implicações históricas, construção de identidades e contribuições literárias. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN Y GÉNERO, 1., Sevilla, 5, 6 y 7 Mar. 2012.
- BBC. *History*. 2014. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/eliot_george.shtml. Acesso em: 27 set. 2017.
- BOLETIM ABL. *Alteração do regimento interno*. 2016. Disponível em: <http://www.academia.org.br/boletins/alteracao-do-regimento-interno>. Acesso em: 13 nov. 2017.
- CARPINEJAR, F. Apresentação. *In*: MEIRELES, C. *Cecília de bolso*: uma antologia poética. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014. p. 11-19.
- CASTELLO, J. [Sem título]. *In*: LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Orelha.
- CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2006. Orelha.

- EHLING, H. *Uso de pseudônimos por escritores tem longa tradição e vários motivos*. 2013. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/uso-de-pseudônimos-por-escritorestem-longa-tradição-e-vários-motivos/a-17004640>. Acesso em: 25 set. 2017.
- FANINI, M. A. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. *História*, Franca, v. 29, n.1, 2010.
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). Maria Firmina dos Reis - fragmentos de uma vida. *Templo Cultural Delfos*, jun. 2015. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2015/06/maria-firmina-dos-reis.html>. Acesso em: 27 set. 2017.
- FOLHA de poesia: artes, ideias e o sentimento de si. Carolina Maria de Jesus. 2016. Disponível em: <http://folhadepoesia.blogspot.com.br/2016/07/carolina-maria-dejesus.html>. Acesso em: 19 out. 2017.
- FRAZÃO, D. *Zélia Gattai*: escritora brasileira. 2015. Disponível em: https://www.ebiografia.com/zelia_gattai/. Acesso em: 15 nov. 2017.
- FRAZÃO, D. *Lygia Fagundes Telles*: escritora brasileira. 2016a. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lygia_fagundes_telles/. Acesso em: 15 nov. 2017.
- FRAZÃO, D. *Ana Maria Machado*: escritora brasileira. 2016b. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ana_maria_machado/. Acesso em: 15 nov. 2017.
- FRAZÃO, D. *Jane Austen*: escritora inglesa. 2017a. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jane_austen/. Acesso em: 27 set. 2017.
- FRAZÃO, D. *Cora Coralina*: poetisa brasileira. 2017b. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cora_coralina/. Acesso em: 27 set. 2017.
- FRAZÃO, D. *Cecília Meireles*: poetisa brasileira. 2017c. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/. Acesso em: 13 nov. 2017.
- FRAZÃO, D. *Carolina Maria de Jesus*: escritora brasileira. 2017d. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/. Acesso em: 19 out. 2017.
- FRAZÃO, D. *Clarice Lispector*: escritora e jornalista brasileira. 2017e. Disponível em: https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/. Acesso em: 27 set. 2017.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- GOULART, F. *Cleonice Berardinelli faz 100 anos e comemora legado na língua portuguesa*. 2016. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/cultura/2016/08/27/CLEONICEBERARDINELLI->. Acesso em: 16 nov. 2017.
- JORNAL PLÁSTICO BOLHA. *Quarto de despejo*: Carolina Maria de Jesus. 2008. Disponível em: <http://:wvfw.jornalplasticobolha.com.br/pb21/texto9.htm>. Acesso em: 19 out. 2017.

- LEE-MEDDI, J. *Manifesto Jeocaz Lee-Meddi*. 2009. Disponível em: <https://jeocaz.wordpress.com/2009/05/29/o-morro-dos-ventos-uivantes-emilybronte/>. Acesso em: 25 set. 2017.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOPES, S. F. “Retratos” de mulheres na literatura brasileira do século XIX. *Revista Plures Humanidades*, Ribeirão Preto, ano 12, n. 15, p. 117-140, jan./jun. 2011.
- MARQUES, O. Cora Coralina: professora de existência. In: CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2006. p. 13-19.
- MEIRELES, C. *Cecília de bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.
- MENDES, A. M. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Bevilacqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- NOGUEIRA JR., A. *Projeto releituras: Nélide Piñon*. 2015. Disponível em: http://www.releituras.com/npinon_menu.asp. Acesso em: 15 nov. 2015.
- PEREIRA, G. *15 autoras negras da literatura brasileira*. 2016. Disponível em: <http://www.taofeminino.com.br/sociedade/autoras-negras-na-literatura-brasileiras1852713.html>. Acesso em: 27 set. 2017.
- ROBINSON, L. *Literatura delas: a influência do feminismo na literatura*. 2015. Disponível em: <http://negaacre.blogspot.com.br/2015/08/a-influencia-do-feminismona-literatura.html>. Acesso em: 25 set. 2017.
- RODRIGUES, O. S. *Cora Coralina: biografia e poemas*. 2001. Disponível em: <http://www.paralerepensar.com.br/coracoralina.htm>. Acesso em: 27 set. 2017.
- SILVA, A. C. *Ilustríssima: a ladeira íngreme de Nélide Piñon*. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1680462-a-ladeira-ingreme-denelida-pinon.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- THORNLEY, G. C. *An outline of English Literature*. London: Longman, 1970.
- VIEIRA, E. *Biografia de George Sand*. 2016. Disponível em: <http://biografiae curiosidade.blogspot.com.br/2016/01/biografia-de-george-sand.html>. Acesso em: 27 set. 2017.